

REFLEXÕES SOBRE O FAZER HISTORIOGRÁFICO NA CRÔNICA “AS MEMÓRIAS ALHEIAS” DE JOSÉ SARAMAGO

RODRIGO CONÇOLE LAGE

Introdução

Durante muitos anos, como outros escritores, José Saramago trabalhou no jornalismo. Acreditamos que, nos autores que exercem as duas atividades, o conhecimento de sua produção jornalística é importante para um melhor entendimento de sua obra literária. O que não quer dizer que suas crônicas não devam ser lidas e estudadas por seu valor. O que pretendemos demonstrar é que, no caso de Saramago, não se pode separar o literato do jornalista.

As crônicas de Saramago estão reunidas nos livros: *Deste mundo e do outro* (1971), *A bagagem do viajante* (1973), *As opiniões que o DL teve* (1974), *Os apontamentos* (1976) e *Folhas políticas* (1976-1998)¹. Elas percorrem o período de algumas décadas e foram publicadas em jornais como o *A capital*, o *Jornal do fundão*, o *Diário de Lisboa* e o *Diário de notícias*. Contudo, devemos destacar o fato de que estes livros não recolhem toda a sua produção. Curiosamente, apesar da sua popularidade junto aos leitores, só um de seus livros de crônicas foi publicado no Brasil, pela Companhia das Letras, em 1996, e seus textos ainda são relativamente pouco estudados no meio acadêmico.

Dentre os trabalhos acadêmicos sobre elas podemos destacar a dissertação *Entre o literário e o político: as formas de conscientização nas crônicas de José Saramago* defendida em 2010 na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e a tese

“Está lá tudo”: o constructo literário nas crônicas de José Saramago (que mais tarde foi publicada em livro), defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 2014, ambos de Saulo Gomes Thimóteo. Temos também a dissertação *Sob o olhar do cronista: presságios e sentenças de Saramago*, de Quênia Regina Matos dos Santos, defendida Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2012, e a tese *Os apontamentos (1972 - 1975) — crônicas políticas: Portugal segundo José Saramago*, de Elielson Antonio Sgarbi, defendida na Universidade Estadual Paulista (UNESP) em 2020.

Dentre os artigos e textos de comunicações podemos destacar, dentre outros, “José Saramago: hibridismo e transformação dos gêneros literários”, de Vera Lúcia Bastazin, “‘Vejo passar o tempo’: a temporalidade e os seus (in)fluxos nas crônicas de José Saramago”, de Tito Eugênio Santos Souza, “Os ‘apontamentos’ de José Saramago no *Diário de Notícias* em 1975”, de Miguel Real, e “José Saramago e o jornalismo de compromisso político num contexto de impossível imparcialidade informativa”, de João Figueira.

Nós escolhemos trabalhar com a crônica “As memórias alheias” porque, ao discutir algumas questões importantes relacionadas ao ofício do historiador, este texto quebra alguns paradigmas. Nesse sentido, a abordagem saramaguiana vai contra algumas definições do gênero como, por exemplo, uma que encontramos em Afrânio Coutinho (2004, p. 121): “Gênero literário em prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades do estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância ou críticas de pessoas”.

Acreditamos que as qualidades do estilo não são, obrigatoriamente mais importantes que o assunto. Ao mesmo tempo, consideramos que a crônica não envolve somente fatos de pouca importância, mas também vai ser utilizada para tratar de questões importantes. Como o texto de Saramago foge dessa visão estereotipada, na sequência, iremos procurar definir o que é uma crônica de modo a abranger suas mais diferentes possibilidades.

1 Um olhar sobre a natureza da crônica e do papel do cronista na sociedade

Originalmente, a palavra crônica se refere a um gênero literário muito diferente do atual: “Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo ‘crônica’ designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica” (MOISÉS, 1994, p. 101). As únicas coisas que os dois conceitos preservam em comum são a questão do tempo e o fato de que, na sua essência, são

narrativas factuais, o que não quer dizer que, na atualidade, muitas delas não fujam deste padrão.

Já as modernas podem ser definidas como “pequenas produções em prosa, de natureza livre, em estilo coloquial, provocadas pela observação dos sucessos cotidianos ou semanais, refletidos através de um temperamento artístico” (COUTINHO, 1995, p. 306). Essa definição parte do princípio de que a crônica surge de um trabalho artístico realizado a partir da observação dos fatos, isto é, ela está compromissada com a realidade histórica. Contudo, este não é um padrão universal: “Se esse sentido predomina em nosso país, tomando a crônica a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária, o mesmo já não ocorre em outros países” (MELO, 2003, p. 149).

Inicialmente, com algumas exceções, a crônica esteve focada no registro do cotidiano, de fatos muitas vezes pouco significativos, mas que ganham destaque através do tratamento literário dado pelo cronista. Nela “o pequeno acontecimento do dia-a-dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade, ganha importância num texto que o recria com ironia, lirismo, humor ou sátira” (SÁ, 1987, p. 11). Mas, com o tempo, ela passou a englobar uma grande diversidade de temas de modo que atualmente ela pode tratar de qualquer assunto.

Seja como for, como a crônica moderna é um gênero textual relacionado ao jornal e isso interfere na natureza do texto de diferentes formas. Em primeiro lugar, temos a questão da brevidade. Como o jornal impresso tem um número limitado de páginas o espaço disponível é, normalmente, relativamente pequeno. Consequentemente, a crônica ocupará, no máximo, algumas colunas. O que não quer dizer que não existam textos um pouco mais extensos. Além disso, por causa do seu tamanho reduzido, o autor se concentra, na maioria das vezes, num único assunto, com poucos personagens, centrado num espaço geográfico limitado e em acontecimentos ou situações de pouca duração.

Ao mesmo tempo, a crônica se caracteriza por seu caráter efêmero, pois, a princípio, é destinada a ser descartada junto com o jornal. Isto é, “a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou raro momento de trégua que a televisão lhes permite” (SÁ, 1987, p. 10). O que irá refletir na escolha dos assuntos tratados. Por isso, a reunião e publicação desses textos em livro foi, com o passar do tempo, mudando essas feições e a crônica perdeu, em parte, seu caráter efêmero.

Outra consequência do fato de ser um texto publicado num jornal diz respeito a linguagem. Como deve atingir os mais diferentes leitores, deve ser mais simples e ligeira, como se um reflexo dos acontecimentos relatados. Até porque “o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los” (SÁ, 1987, p. 10-11). E,

normalmente, está imbuída de um tom oralizante. “Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade” (SÁ, 1987, p. 11). O que não quer dizer que existirá um proposital descuido da linguagem.

Além disso, o desafio está em escrever desta forma, “sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado” (SÁ, 1987, p. 11). O real será trabalhado artisticamente por meio da linguagem que cria um discurso sobre aquilo que ele vê. Um texto de pouca extensão, a ser escrito num curto período de tempo, também gera influência sob a linguagem utilizada pelo seu autor. Agora, uma simplicidade linguística não impede que o texto tenha um valor literário. Além disso, algumas crônicas podem apresentar uma linguagem mais sofisticada do que outras.

E, no que diz respeito à questão do tempo, olhando para o passado, vemos que a elaboração de uma crônica está relacionada ao fato de que o jornal tem determinada periodicidade, outro fator influenciador à efemeridade do que foi publicado. No passado, o cronista foi obrigado, muitas vezes, a escrevê-la na sala de redação do jornal. Isso contribuiu para a desvalorização do gênero. Contudo, ao se publicar as crônicas num livro, perde-se a efemeridade. Isso também levou a uma revalorização da figura do autor, do gênero e contribuiu para as discussões sobre o valor literário delas. O que não impede que alguns, mesmo entre os cronistas, não a considerem um gênero literário ou continuam classificando-a como algo menor. É, por exemplo, o caso do escritor e cronista Rubem Braga:

Respondo que a crônica não é literatura e sim subproduto da literatura e que a crônica está fora de propósito do jornal. A crônica é sublitteratura que o cronista usa para desabafar com os leitores, sem dar a eles oportunidade para que rebatem qualquer afirmativa publicada. A única informação que a crônica transmite é a de que o respectivo autor sofre de neurose profunda e precisa desoprimir-se. Tal informação, de cunho puramente pessoal, não interessa ao público, e portanto deve ser suprimida (BRAGA *apud* CASTELLO, 1996, p. 71).

O que não deixa de ser questionável em diferentes sentidos. Do ponto de vista temático, a crônica pode, por exemplo, ser vista como um desabafo, mas, muitas vezes foi escrita simplesmente com o objetivo de entreter ou divertir o leitor com o

relato de algum acontecimento específico ou do cotidiano. Em outras se discute alguma notícia ou acontecimento recente, de interesse público, com o objetivo de revelar o que seu autor pensa do assunto. Por fim, não é verdade que as informações de cunho pessoal não interessam ao leitor, tanto é que muitas delas abordam a vida do cronista, relatando as experiências que ele viveu.

Ou seja, Rubem Braga demonstra uma visão muito limitada da crônica e do próprio cronista. Isso ocorre porque ignora a variedade de assuntos tratados por diferentes cronistas assim como não dá atenção aos diferentes formatos que podem ser adotados por eles. Este texto é muito mais complexo e variado, podendo até se associar com outros gêneros, como a poesia e o conto. Essa grande diversidade também contribui para o questionamento da afirmação de que não é um texto literário. Seja como for, do ponto de vista tipológico, podemos dividi-las em 23 grupos:

As crônicas são denominadas de descritivas, narrativas, narrativo-descritivas, metalinguísticas, líricas, reflexivas, dissertativas, humorísticas, teatrais, mundanas, visuais, metafísicas, poemas-em-prosas, crônicas-comentários, crônicas-informações, filosóficas, esportivas, policiais, políticas, jornalísticas, crônicas contos, crônicas ensaios e crônicas poemas (SANTOS, 2016, p. 35).

Contudo, mesmo com toda essa diversidade, o cronista continua sendo, primordialmente, “aquele que observa o presente para registrá-lo nos aspectos mais gerais ou nos particulares; interessam-lhe não só os grandes acontecimentos que marcam a (sua) actualidade mas também o pormenor a que, em geral, o leitor não presta muita atenção” (MARTINS, 1999, p. 100). Daí a importância da visão porque ele é “aquele que *olha*, procurando além da superfície das coisas” (MARTINS, 1999, p. 100). Isto ocorre porque o cronista escreveria, para Martins (1999, p. 100), “na tentativa na tentativa de compreender este mundo através de um outro, o da ficção”.

Essa afirmação é passível de alguma crítica porque nem sempre o cronista escreverá com essa finalidade. Até porque, muitas vezes, a crônica assume um caráter descritivo porque visa o entretenimento. E quando tem a intenção de tentar compreender o mundo, ou a sociedade em que vive, o autor não vai, obrigatoriamente, escrever de forma ficcional. Pelo contrário, nesses casos é comum a utilização de um formato ensaístico, jornalístico, filosófico ou reflexivo. Assim, diante da variedade de estilos existentes, só o estudo individual do conjunto da produção de cada autor pode nos ajudar a identificar seus objetivos e verificar até que ponto a compreensão do mundo é uma questão importante para ele.

2 Saramago e a Teoria da História: um exame da questão

O livro *A bagagem do viajante* reúne textos publicados no “diário *A Capital* (1969) e no semanário *Jornal do Fundão* (1971-2)” (SARAMAGO, 1986, p. 9). Infelizmente, no livro não é dito quando e onde cada um deles foi publicado. Por isso não temos como saber, a princípio, o que dia e em qual dos dois jornais “As memórias alheias” foi publicado. É uma crônica especializada porque nela “o autor, que é um “expert” no assunto, trata de assuntos referentes a um campo específico de atividade” (TUZINO, 2009, p. 11). Saramago se refere ao interesse que, em certo momento de sua vida, passou a ter pelo que aconteceu no início do século:

Aqui há uns bons vinte anos deu-me um interesse repentino pelos casos e pessoas do começo do século. Achava eu que naquele tempo estaria à explicação de coisas que não conseguia entender e que ainda hoje basto me confundem, e se é verdade que não me esclareci muito pude ao menos reconhecer umas tantas pessoas de quem o ensino oficial pouco mais me dera que o nome (SARAMAGO, 1986, p. 151).

Isso é interessante porque mostra como esta crônica foge do modelo tradicional do gênero. Seus assuntos não foram “provocadas pela observação dos sucessos cotidianos ou semanais, refletidos através de um temperamento artístico” (COUTINHO, 1995, p. 306). Pelo contrário, é um texto narrativo de caráter autobiográfico, por relatar a pesquisa histórica que seu autor realizou no passado. Ao mesmo tempo, tem um lado reflexivo sobre algumas questões ligadas ao fazer historiográfico. Outro ponto que surpreende nessa crônica é o fato de que este interesse pela história, surgido algumas décadas antes, tenha estimulado Saramago a realizar uma pesquisa histórica que seguia alguns dos métodos utilizados pelos historiadores:

Juntei dezenas de livros, tomei notas, organizei um grosso ficheiro que depois deixei dispersar: metera-se-me na cabeça fazer obra de historiador, escavar os textos e as memórias dos outros até encontrar o veio de água livre, a verdade puríssima. Ao cabo de um ano, desisti. Estava afogado em uma irreprimível onda, sentia-me obsidiado, tomado de ideia fixa, murmurando nomes, datas, lugares, encadeando factos, rectificando a toda hora, opondo depoimentos diferentes, verificando suspeitas e insinuações — um inferno. Não tive

resistência bastante, e hoje, de tão boas intenções, restam-me uns poucos livros, umas raras notas² que a ninguém servem. Falhei, e aborreço-me por ter falhado (SARAMAGO, 1986, p. 151-152).

Ele cita uma série de textos, mas não sabemos se estes são todos os que lhe restaram:

Pego no Relatório de Machado Santos, escrito em 1911 e já cheio de amargura e de queixumes; folheio o opúsculo de José Maria Nunes, inventor de bombas, espécie de Nobel sincero que destina o produto da obrinha colectiva A Bomba Explosiva às humanitárias instituições que eram o Asilo de S. João, a Obra Maternal, o Vintém Preventivo, o Centro Republicano João Chagas, o Centro Escolar Republicano Dr. Castelo Branco Saraiva e a Associação Escolar do Ensino Liberal: para o autor, nenhum tostão. E percorro também as páginas irritadas doutro folheto, escrito por Celestino Steffanina, aceso adepto de Brito Camacho. Vou lendo, lendo, e no fim dou uma vez mais com o que estes vinte anos me haviam feito esquecer: “A relação dos mortos e feridos durante a Revolução, segundo as notas fornecidas pelas administrações dos hospitais militares e civis, Misericórdia, Morgue e Cemitérios”. E admiro-me como foram assim tantos e ninguém os conhece (SARAMAGO, 1986, p. 152-153).

Seria importante verificar se eles estão na biblioteca do escritor. Seja como for, o fato é que, ao fazer sua pesquisa, Saramago trabalhou unicamente com documentos escritos para a reconstrução do fato histórico, o que mostra sua filiação a uma metodologia tradicional de pesquisa histórica: “Na concepção positivista de História o documento é algo objetivo, neutro, prova que serve para comprovar fatos e acontecimentos numa perspectiva linear” (SILVA; DAMASCENO; MARTINS; SOBRAL; FARIAS, 2009, p. 4556). Isto é, a crônica deixa claro que, naquela época, Saramago ainda estava preso a uma visão tradicional da História. Mais especificamente, a da chamada escola positivista ou metódica:

A historiografia positivista é a dos “fatos” estabelecidos mediante os documentos, indutivista, narrativa, por certo, mas também sujeita a um “método”. A escola que se costumava chamar de “positivista” pode ser também

denominada — com mais propriedade — de “escola metódica”, já que sua preocupação número um é a de dispor de um método. Essa escola, que fundamentava o progresso da historiografia no trabalho metódico das fontes, sempre foi avessa a qualquer “teoria” ou “filosofia” (MARTINS, 2010, p. 12).

Se na época Saramago estava preso a uma ideia muito limitada do fazer historiográfico, é importante frisar que, ao longo de sua vida, esse interesse pela história terá inúmeros desdobramentos. Isso levará a uma concepção bem diferente e revolucionária. Algo que se ligará, a nosso ver, ao seu interesse pelo fazer historiográfico e pela teoria da história³. Interesse que culminará no estudo das ideias desenvolvidas pelos historiadores da Escola dos *Annales*⁴.

Não sabemos quando ele teve seu primeiro contato com essa produção historiográfica, mas, em 1978, a Editorial Estampa publicou a tradução de *O tempo das catedrais*, do historiador francês Georges Duby, feita por Saramago. Seja ou não, essa data, o marco inicial, o fato é que esses historiadores exercerão uma grande influência nele e muitas questões teóricas que o afligiam foram então resolvidas:

Foi isso que me levou a esse sentido da História, que para mim era confuso, mas que depois vim a entender, em termos mais científicos, a partir do momento em que descobri uns quantos autores (os homens dos *Annales*, os da Nouvelle Histoire, como o Georges Duby ou o Jacques Le Goff), cujo olhar histórico ia por esse mesmo caminho (REIS, 2018, p. 72).

Consequentemente, muito de seus romances se fundam num caráter histórico e apresentam pontos de contato com a produção dos *Annales* e também com as reflexões apresentadas nesta crônica. Nesse sentido, o reconhecimento do caráter parcelar da história terá um impacto muito grande em Saramago porque irá influir no modo como ele revisa a noção tradicional de história. Isso nos ajuda a compreender melhor o seu interesse pelo que a história oficial não diz, base para alguns de seus romances como *Memorial do convento* e *Levantado do chão*. Isto é, essas reflexões desembocarão em outras que o levarão, futuramente, a ter uma visão crítica da história oficial:

A História que se escreve e que depois vamos ler, aquela em que vamos aprender aquilo que aconteceu, tem necessariamente que ser parcelar, porque não pode narrar

tudo, não pode explicar tudo, não pode falar de toda a gente; mas ela é parcial no outro sentido, em que sempre se apresentou como uma espécie de “lição”, aquilo a que chamávamos a História Pátria (REIS, 2018, p. 73).

Mas, como já foi dito, ao constatar a existência dessas lacunas, Saramago procurou levar seus leitores a refletir sobre a questão tais como a existência de diferentes versões de um fato histórico, sobre os motivos que levam a isso e as relacionadas à busca pela verdade histórica:

Ao leitor que anda por longe destas coisas antigas, pergunto: quantos calcula que foram? vinte? trinta? cinquenta? cem? Não acerta, com certeza, porque no dizer de muita gente que veio depois, a revolução do 5 de Outubro foi uma escaramuça entre um regime podre e meia dúzia de revoltosos pouco seguros (SARAMAGO, 1986, p. 153).

Na sequência vemos que a busca pela verdade dos fatos fez com que ele chegasse a algumas conclusões importantes. Em primeiro lugar, verifica que o caráter lacunar da História é intencional porque, durante certo período, ela retratou somente os feitos dos grandes homens, e mesmo estes podem cair no esquecimento. Isso é visível na relação de Steffanina:

Há nesta lista poucas figuras conhecidas de quem tenha ficado o nome: o almirante Cândido dos Reis é o mais familiar, e este tem apelido em esquina de avenida, mas de jeito que ninguém sabia de quem se trata, como pouca gente saberá também por que está na Avenida 24 de julho tal data (SARAMAGO, 1986, p. 153).

A constatação desse fato levará o escritor a procurar resgatar aqueles que foram excluídos da história oficial por serem pessoas comuns, por pertencerem às camadas mais baixas da sociedade. Assim, Saramago procurou fazer, ainda que de forma muito limitada, o que na década de 1960 alguns historiadores fizeram e que passou a ser conhecido como a História vista de baixo:

A História vista de Baixo é uma corrente historiográfica que surge na Inglaterra, sob forte influência da escola dos Annales sobre a crise do historicismo. Entre os expoentes dessa nova

corrente é importante citar Edward Thompson, Christopher Hill, Jim Sharpe e Eric Hobsbawm. Esta nova perspectiva histórica busca produzir conhecimento histórico a partir do ponto de vista dos homens e mulheres das classes subalternas, das pessoas consideradas comuns, mas que são sujeitos históricos tanto quanto reis, políticos e líderes militares que habitualmente são citados nos livros e registros historiográficos (COSTA, 2017, p. 14).

Saramago tentou fazer o mesmo, mostrar como as pessoas são sujeitos da história, por isso ele encerra sua crônica dizendo:

Vou percorrendo os nomes e vejo as profissões: soldados, marinheiros, carpinteiros, tipógrafos, alfaiates, comerciantes, tanoeiros, descarregadores, padeiros, funileiros, tecelões, serralheiros, estudantes, moços de fretes — um rosário interminável de ofícios populares. E, neste ler e pensar, encontro de súbito o número 399 da lista com a seguinte menção: “Desconhecido.” Nada mais além de o ter morto uma arma de fogo e ter recolhido à morgue.

Ponho-me a reflectir, a olhar a palavra irremediável, e digo a mim mesmo, enfim, que se não escrevi a verdadeira história da revolução de 5 de Outubro foi apenas porque nunca conseguiria saber quem havia sido aquele homem: 399, morto com um tiro e transportado para a morgue. Anónimo português (SARAMAGO, 1986, p. 153).

Apesar do seu desejo, o escritor não foi capaz de resgatar, nesse caso, essas pessoas do esquecimento e por isso abandonou seu projeto. Mas, esse fracasso não foi uma perda total. Pelo contrário, ao buscar resgatar do esquecimento aqueles que haviam sido excluídos da história, Saramago subverterá a concepção de história, que tinha até então. Isso mudará sua forma de ver o mundo e terá um grande impacto nos seus futuros livros. A ideia de uma história vista de baixo constituirá um dos pontos centrais de seu pensamento.

Consequentemente, consideramos que a realização dessa pesquisa foi de fundamental importância para que ele se transformasse no escritor que nós conhecemos. Nesse sentido, defendemos a hipótese de que foi essa valorização das pessoas comuns que o levou a escrever livros como *Levantado do chão*, *Memorial do convento*, *História do cerco de lisboa* e *A caverna*. Lembrando que Saramago já havia

destacado antes a importância de suas crônicas para a construção de sua obra ficcional: “Há personagens, situações, ambientes, embriões de coisas que vieram a ser tratadas mais tarde” (REIS, 2018, p. 46).

Conclusão

Do ponto de vista quantitativo, depois da produção romanesca e dos *Cadernos de Lanzarote*, a parte mais extensa da obra de Saramago é formada pelas crônicas, com um total de cinco volumes. A grande quantidade de textos e diversidade de temas faz com que o conjunto de suas crônicas não possa ser ignorado por todos aqueles que têm interesse na sua literatura. Sem contar o fato de que elas estão, em maior ou menor grau, ligadas a sua produção literária propriamente dita.

Ao lermos “As memórias alheias”, verificamos que este é um texto que foge ao modelo tradicional de crônica. Como outros cronistas, ele também escreveu algumas crônicas de caráter autobiográfico. No texto analisado, o autor nos revela um acontecimento importante de sua biografia: o fato de ter se interessado pela história e ter realizado uma pesquisa aprofundada sobre o assunto que lhe interessava. Como é na História que ele firma as bases de parte importante da sua obra, é importante identificar o início do seu interesse pelo assunto.

Ao mesmo tempo, a leitura do texto nos permite entender como o seu pensamento sobre o assunto foi evoluindo. Nesse sentido, acreditamos que essa crônica marca o início de um processo de transição que o levou de uma visão positivista da história para aquela que se desenvolve entre os historiadores da Escola dos *Annales*. Obviamente não temos intenção de esgotar o assunto e esperamos que nosso trabalho possa despertar o interesse por suas crônicas e inspirar igualmente outras pesquisas sobre as relações de Saramago com a história.

Notas

¹ Ao contrário dos outros livros, este reúne crônicas publicadas em jornais e revistas.

² Seria importante investigar se essas notas estão no seu arquivo pessoal. Além disso, verificar se restou em seu acervo alguma coisa do ficheiro que ele organizou.

³ O “Diálogo terceiro: Sobre a História como experiência” (REIS, 2018, p. 71-80), da entrevista de José Saramago a Carlos Reis, é o mais importante resumo de suas reflexões sobre esses temas, mas elas podem ser encontradas em outros momentos dos diálogos.

⁴ A Escola dos *Annales* é um movimento historiográfico que surgiu na França, ligado a revista *Annales*, que foi criada em 1929. Ele foi fundado pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch e ia contra a visão positivista da história, escrita por meio de uma narrativa, para o que vão chamar de uma história-problema. Isso levou esses historiadores a promoverem uma série de inovações na pesquisa histórica tais como: “Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social, e tantas outras” (BURKE, 1992, p. 11-12).

Referências

- BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- COSTA, Raquel da. *O ensino da história como ferramenta de resgate da história "dos de baixo"*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Veranópolis, 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2026>>. Acesso em 19 nov. 2020.
- COUTINHO, Afrânio. In: *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 117-136.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- DIMAS, Antonio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? In: *Revista Littera: Revista para professor de português e de literaturas de língua portuguesa*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 12, p. 46-51, set-dez. 1974.
- SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
- MARTINS, Adriana Alves de Paula. A crônica de Saramago ou uma viagem pela oficina do romance. In: *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 151/152, p. 95-106, 1999.
- MARTINS, Estevão de Rezende. *História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOISÉS, Massaud. A crônica. In: *A criação literária: prosa*. v. 2. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Belém: Edufpa, 2018.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.
- SANTOS, Ana Cecília Nascimento e. *Gênero crônica em sala de aula: análise dos mecanismos enunciativos na promoção de uma competência textual-discursiva*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2016. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/6462>>. Acesso em 15 set. 2020.

SILVA, L. R. C., DAMACENO, A. D., MARTINS, M. C. R., SOBRAL, K. M., FARIAS, I. M. S. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, IX, Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, III, 2009, Curitiba. *Anais Eletrônicos do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE / III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. Curitiba: PUCPR, 2009. p. 4554-4566. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3124_1712.pdf>. Acesso em 23 set. 2020.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. In: *BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>>. Acesso em 6 dez. 2020.